

Brasileirinho e o Contador de Povo



*Sonia Rodrigues Mota e
Maurício Rodrigues Mota*



IBGE
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado do Planejamento e Orçamento
Paulo de Tarso Almeida Paiva

**INSTITUTO BRASILEIRO
DE GEOGRAFIA E
ESTATÍSTICA - IBGE**

Presidente
Simon Schwartzman

Diretor de Planejamento e Coordenação
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

ÓRGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

Diretoria de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretoria de Geociências
Trento Natali Filho

Diretoria de Informática
Fernando Elyas Nóbrega Nasser

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

UNIDADE RESPONSÁVEL

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Divisão de Promoção e Publicidade
Lúcia Regina Dias Guimarães

Brasileirinho e o Contador de Povo

*Sonia Rodrigues Mota e
Maurício Rodrigues Mota*

Rio de Janeiro, IBGE, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE
Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro
20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISBN 85-240-0643-9

© IBGE, 1998

Capa e ilustrações - Reginaldo Corrêa Nascimento

Mota, Sonia Rodrigues

Brasileirinho e o contador de povo / Sonia Rodrigues e Maurício
Rodrigues Mota. - Rio de Janeiro : IBGE, 1998.
20 p. : il.

ISBN 85-240-0643-9

1. Brasil - População - Ficção juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil. I.
Mota, Maurício Rodrigues. II. IBGE.

IBGE.CDDI. Div. de Biblioteca e Acervos Especiais 314(81)(02.053.2)
RJ:IBGE-97-07

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Brasileirinho e o Contador de Povo

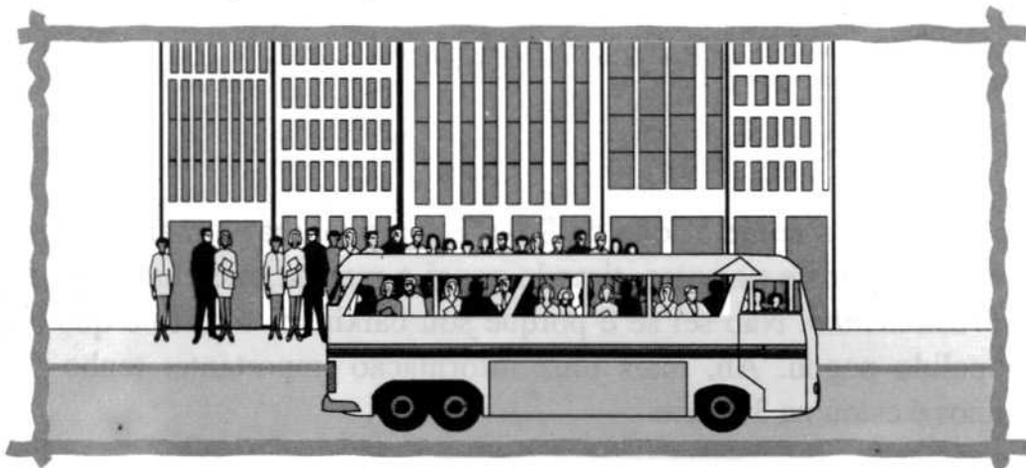


*por Sonia Rodrigues Mota e
Maurício Rodrigues Mota*

Meu nome é João da Silva Brasileiro, mas a maioria dos meus amigos e parentes, tirando papai e mamãe, me chamam de *Brasileirinho*. Não sei se é porque sou baixinho, o certo é que o apelido pegou. Ah, mais uma informação importante: tenho 9 anos e estou na 3ª série.

Dizem que minha mania de perguntar sempre existiu, mas aumentou muito quando aprendi a ler. Era por que pra cá, por que prá lá... sou curioso demais. Papai e mamãe trabalham muito, não têm tempo para todas as respostas. Meu único avô vivo – o vô Antenor –, entretido com os amigos aposentados, também não responde tudo que quero. Por que na minha sala têm mais meninas do que meninos? Quantos amigos aposentados meu vô tem? Por que no trabalho do meu pai quase todo mundo é branco e no lugar onde a Josefa, a empregada aqui de casa, mora quase todo mundo é mulato ou preto? Por que eu nunca encontrei um índio na rua?

Meus colegas de escola não sabiam me responder também. Algumas perguntas, nem a professora. Estranho, eu pensava, pois a gente aprende na escola que o Brasil foi formado por brancos, negros e índios e pelo menos essas perguntas todo mundo devia poder responder.



Um dia, o primo Tico saiu para passear com minha mãe e comigo. O Tico – que de tico não tem nada, é muito maior do que eu – estava conversando todo animado com a minha mãe, no ônibus, bem no centro da cidade, quando a curiosidade bateu enorme, me dominou. E ela veio crescendo à medida que o ônibus ia passando pelas ruas da cidade e eu via um tantão de pessoas diferentes, lugares diferentes.

“Caramba!! Quanta gente e quanto lugar novo! Se aqui no centro é assim, imagina no Brasil todo!!”, pensei, com meus olhos vidrados na rua.

Fiquei impressionado mesmo, pois no meu bairro tem gente, mas não é tanta gente assim. Tem padaria, mercearia, tem até sapataria, mas não tem tantos prédios e lojões parecidas com formigueiros, pessoas e mais pessoas entrando e saindo.

– Estabelecimentos comerciais. – Tico disse, querendo me impressionar.

Ah! Pra quê?! A curiosidade aumentou...



– Você sabe quantas pessoas existem no Brasil? E quantos estabelecimentos comerciais?

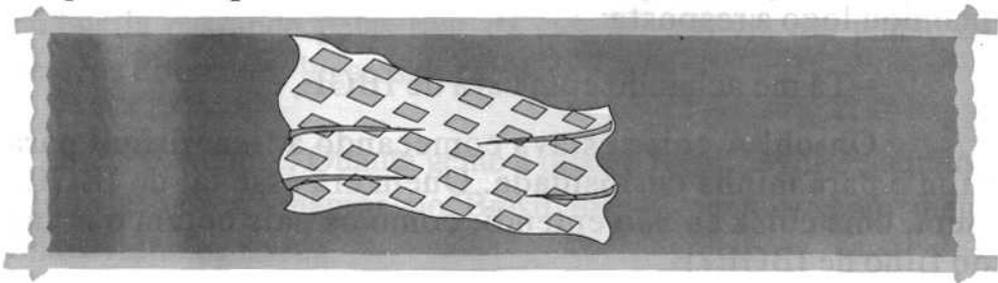
Meu primo grandão, com a maior impaciência, mandou logo a resposta:

– Tá me achando com cara de IBGE, é?

Oh-oh! A coisa estava começando a ficar difícil para mim e para minha curiosidade. Quem era esse tal de IBGE? Bem, uma coisa eu não entendi: como os pais botam o nome do filho de IBGE?!

Chegando em casa, não consegui nem jantar de tanta aflição. Papai, percebendo que mais uma dúvida estava estampada na minha cara, perguntou qual era o problema. Falei que o problema era que eu precisava conhecer o IBGE para ele me dizer quantas pessoas havia no Brasil. Parecia que ele tinha contado. Papai caiu na gargalhada e eu fiquei com cara de tacho! Quando ele ia me explicar onde eu podia encontrar o IBGE.. TRIIIIIMMMM!!! Era o patrão do papai ao telefone, isto é, nada de explicação e eu fiquei sem saber onde achar o IBGE.

Foi nesse momento que eu decidi usar minha arma secreta, a das situações extremas. Achar o IBGE e tirar todas as minhas dúvidas de uma vez, era mesmo um caso superimportante!!! Fui para o meu quarto, subi na cama, peguei o travesseiro, me cobri com o meu superlençol com desenhos de monstros mitológicos! E a nave espacial construída pela minha imaginação partiu. O sistema que eu usei nela é uma mistura de Pó do Pirlimpimpim da Emília (do Monteiro Lobato, sabe?) com aquele carrão do “De Volta para o Futuro”, só que, na minha nave, basta eu me concentrar e “PUF”, lá vou eu na máquina do tempo feita de pano!



E foi assim que eu fiz naquela noite: me cobri com o lençol e fiquei me concentrando: “População, IBGE... Estabelecimentos... Raças e Cores..., IBGE... Pop... PUF”!! Lá estava eu no redemoinho que a máquina faz quando viaja no tempo e ao qual não tem jeito de eu me acostumar.



Abri os olhos e percebi que estava numa mangueira enorme e cheia de mangas madurinhas. Hum!! Tirei a barriga da miséria porque, desde a viagem ao sítio do Tio Lau, irmão da mamãe, que eu não chupava tanta manga. Enquanto me deliciava com a última manga que eu consegui pegar, ouvi um barulho que me deixou arrepiado: RAUUUUUR!!! Lá embaixo do pé de manga, uma onça toda amarela e pintada de bolinhas pretas me olhava com olhos nada amigáveis. Gritei o mais alto possível: Seu IBGEEEEEE!!! Nada. O tal contador de povo não apareceu e a onça só me olhando.



Alguns minutos depois, apareceu um padre com alguns índios armados com arcos e com caras de maus, que encaravam a onça “que nem zagueiro de área encara atacante em dia de decisão de campeonato”, como diria vô Antenor. Após uma flechada certa no rabo da bobona, ela saiu correndo no meio do matagal. O padre era bem simpático e, falando um português forte que nem o do seu Januário da padaria, pediu para eu descer da mangueira. Como não tinha mais onça, desci. Fui logo cumprimentando o padre:



– Prazer, Brasileirinho.

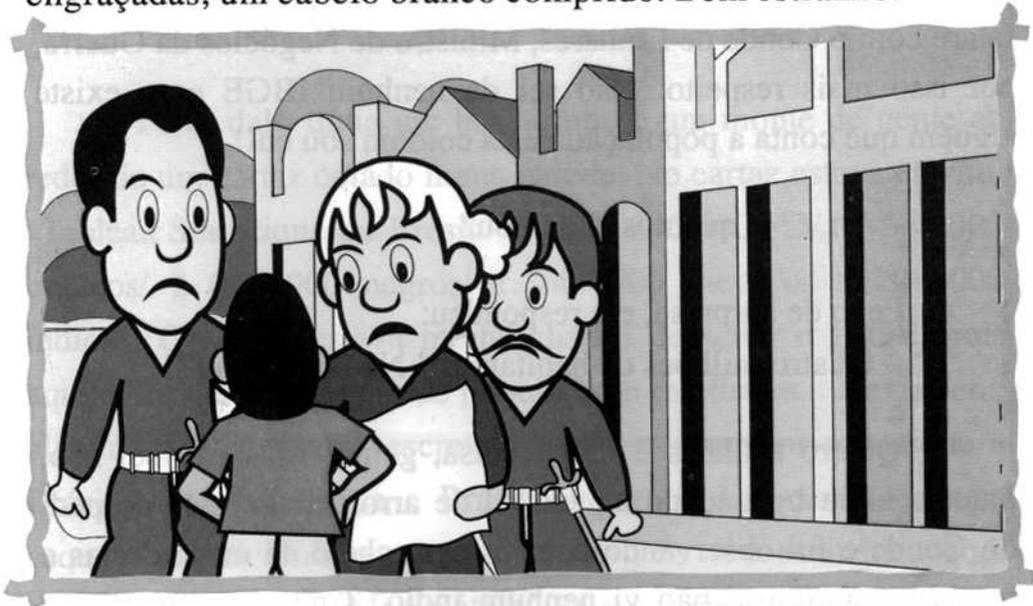
– Ora, que guri esperto! Prazer, José de Anchieta. Que fazes aqui além de estares a chupar mangas?

– Eh... Bem... Eu estava passeando por aqui, procurando um senhor chamado IBGE, um tal que conta povo. O senhor conhece?

– Não conheço nenhum nativo ou português que se chame IBGE e que, muito menos, conte gente!! O único contador de gente aqui sou eu, e, por falar nisso, preciso incluir você na minha contagem. Venha à aldeia que eu vou fazer minhas anotações.

E assim fui em direção à tal aldeia, impressionado com os índios e com a imensa floresta que nos rodeava. O parque da cidade é moita perto daquilo lá! O que mais me impressionou mesmo foi que, ao perguntar em que ano estávamos, o Padre José de Anchieta me disse que estávamos no ano de 1585! Putz, fazia pouquíssimo tempo que o Brasil havia sido descoberto!! Após me recuperar deste choque, o Padre me disse que havia registrado, nas diversas partes da colônia, cerca de 57000 habitantes. Quando eu perguntei se era só isso, ele me olhou com uma cara! Como eu podia dizer que aquilo era pouco? Que absurdo! – reagiu. Talvez ele estivesse com razão, pois tinha muito mais árvore e bicho que gente. Depois o Padre me explicou que não era fácil contar tanta gente, pois os lugares eram distantes, as condições horríveis e havia interesses envolvidos nesta contagem, interesses políticos. Sem satisfazer minha curiosidade do IBGE, mas sabendo que há séculos atrás a população era bem menor que hoje em dia, me despedi do padre, recusei jantar um pedaço de carne assada – parecia ser carne de onça – e voltei para a mangueira. Para continuar a viagem.

De novo redemoinho e, algum tempo depois, fui parar num lugar cheio de navios, gritaria, homens carregando caixas e um moço cheio de pompa vestido com umas roupas engraçadas, um cabelo branco comprido. Bem estranho.



Este moço estava protegido por dois soldados altos e com caras de zagueiros que enfrentam atacantes como se do pescoço pra baixo fosse canela. Ele escrevia de qualquer jeito num papel comprido que tinha as seguintes palavras: “Arrolamento de População do Ano de 1808”. Caramba, adiantei quase 300 anos na minha viagem! Ah, esse moço tinha que conhecer o IBGE, pois trabalhava com população. Arrolamento era contagem, pois eu vi no dicionário. Sendo curioso como sou, fui na direção do moço.

– Boa tarde, moço. Meu nome é Brasileirinho e estou procurando o Sr. IBGE, contador de população. É seu amigo?

– Hum! Que moleque mais atrevido! Menino, estás a falare com o Conde de Linhares, Ministro de Negócios da Guerra, por isso mais respeito. Não sei de nenhum IBGE e se existe alguém que conta a população desta colônia sou eu!!

– Ah, é? E quantos já contou?

Pego de surpresa, ele respondeu:

– Quatro milhões de habitantes!! Não é incrível??

Quatro milhões é muita coisa, gente! Mas não sei não, parecia meio bagunçado aquele tal de arrolamento. Me despedi do Conde e fui observando aquele lugar cheio de mercadorias e percebi uma coisa: não vi nenhum índio. Tinha branco, negro, moreno e café-com-leite que nem eu, mas índio não tinha não. Isto queria dizer que os índios morreram ou misturaram-se com os brancos e os negros? Estranho. Mais uma dúvida para eu tirar.

Voltei ao lugar donde eu tinha aparecido e... Já estava ficando enjoado de tanto redemoinhar. Quando o redemoinho passou, vi que estava numa rua muito movimentada, cheia de gente, parecida com aquelas ruas de filme antigo, com aquelas

madames de vestido com saia rodada e senhores vestidos de paletó. Claro que não havia só eles, também vendedores que se pareciam com os camelôs de hoje em dia, pessoas humildes carregando mercadorias ou pedindo esmola.

Perto dali, tinha um burburinho e um monte de gente ao redor de um cartaz colado numa parede. No cartaz estava escrito: “Tableau Statistique du Brésil – Pop. 5 340 000 hab./ 1 347 000 brancos/ 2 017 000 negros/ 1 748 000 mestiços e 228 000 índios”. Oba! Ali estava minha chance de achar o IBGE, pois aquilo era uma contagem de população e estatística... Devia ser... alguém que não sabia escrever direito e escreveu statistique e Brésil e não estatística e Brasil. Peguei o dicionário – nunca esqueço do dicionário nas minhas viagens – e estatística quer dizer “parte da Matemática que fornece métodos de planejamento, coleta, apuração, exposição, análise e interpretação de dados relacionados com um determinado fenômeno”. Entendido mais ou menos o que era estatística, analisei o cartaz e fiquei impressionado! O Brasil estava crescendo mais e novamente percebi que o número de índios era bem menor do que os outros números. Um moço bem vestido me disse que o Império só fazia o recenseamento (outra palavra para

eu procurar!), porque havia interesse de eleição para eles controlarem quem podia votar.

“População, recenseamento, IBGE... PUF!” Lá estava eu dentro de um escritório cheio de papéis e um rapaz numa máquina de onde saía um monte de papel. Oba! Havia uma placa dizendo “Diretoria Geral de Estatística!” Será que o IBGE trabalhava ali? O moço estava bem cansado, exaurido – como diria papai – de tanto empurrar uma alavanca na máquina, que continuava cuspidando papel.

– Olá, moço. Quer ajuda?

– Muito obrigado menino, mas eu tenho que fazer isso sozinho e ainda tenho de ficar de olho nestes papéis que estão saindo ali. São muito importantes.

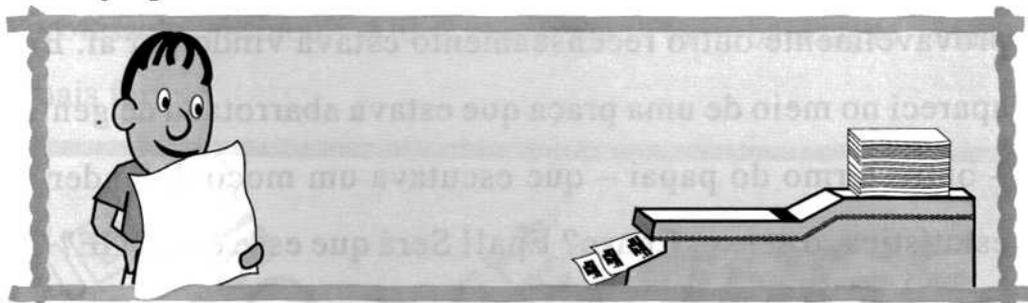
– Por quê?



– Estes papéis correspondem ao primeiro recenseamento da população do Império!!

– Recenseamento?! O IBGE trabalha aqui?

– Não sei de quem você está falando não. Agora, me dá licença que eu tenho de ficar de olho.



Peguei um dos papéis que saíam da máquina e percebi que se tratava do recenseamento datando de 1º de agosto de 1872. A população apurada era de 10 112 061 habitantes, sendo que 5 224 551 eram homens e 4 887 510 mulheres; 1 510 806 escravos, 3 261 000 trabalhadores na agricultura, 282 000 na indústria, 1 046 000 domésticos, 4 172 000 inativos, 32 000 aposentados e 138 000 estrangeiros. Êta Brasil que não parava de crescer! Mas cadê a população de mestiços e índios? Será que os índios tinham desaparecido de vez? E a estatística? Quanta dúvida e quanta bagunça! Será que aquele homem da outra época não tinha dado idéia nenhuma para melhorar a contagem nesse novo tempo? E o IBGE?

Lá fui eu para outra época e outro redemoinho. “IBGE, recenseamento, popula... PUF!” Outra época, adiante da que eu estava. Mais movimento, mais gente e provavelmente outro recenseamento estava vindo por aí. Eu apareci no meio de uma praça que estava abarrotada de gente – outro termo do papai – que escutava um moço defender a estatística, o censo. Censo? Êpa!! Será que esse é o IBGE? O tão procurado? Perguntei para um senhor que estava ao meu lado e ele disse que não era o IBGE (ele não conhecia ninguém com esse nome). Na opinião dele, o moço estava coberto de razão, pois as pesquisas eram feitas de forma descentralizada e sem critério. E disse também que a estatística era muito importante para o desenvolvimento socioeconômico do País, que já tinha 30 635 605 habitantes e 13 336 empregados nas empresas existentes. O senhor falou bonito, falou difícil, pelo menos para mim, mas eu continuava sem encontrar o IBGE. Puxa, 30 000 000 é coisa pra caramba de gente!

Uma coisa interessante: eu percebi o que essa época tinha de diferente das outras, tinha mais progresso, as ruas eram mais bem cuidadas, isto é, como é que era mesmo o nome que a professora ensinou? Ah! Urbanização! A urbanização estava mais forte.



Depois de aprender tudo isso, decidi ir mais uma vez atrás do IBGE, pois estava começando a ficar impaciente. "IBGE, IBGE, IBGE... PUF!" Parece que finalmente eu havia chegado perto do IBGE, pois eu tinha achado sua casa, que possuía na frente um IBGE grandão escrito. Entrei lá perguntando se o IBGE estava em casa e se ele podia me receber. Foi aí que, ao invés de ficar com cara de tacho, fiquei com cara de pastel!

O IBGE, na verdade, quer dizer Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a moça que me atendeu foi simpática e me explicou que o IBGE é um órgão, não um órgão do corpo, é uma instituição que conhece o Brasil como ninguém e que tem influência fundamental nas medidas que o governo vai tomar quando for mexer com o Território ou com fatores socioeconômicos. Era a segunda vez que eu escutava isso de socioeconômico e, perguntadeiro como sou – já viu, né? –, tinha de perguntar o que era. Ela me explicou que fatores sócioeconômicos são as coisas que vão influenciar na vida dos brasileiros e também na sua economia.

Contou-me que o IBGE é responsável por um número muito maior de informações do que população ou comércio no País. No IBGE trabalha um mundo de gente, pessoas de muitas profissões diferentes que coletam, analisam e armazenam informações sobre quase tudo que eu possa imaginar. O IBGE é muito mais perguntador do que eu! Já pensou? Junta as respostas das perguntas que ele faz às pessoas, autoridades e empresas; os dados obtidos em vários tipos de pesquisas, interpreta-os e depois

os coloca à disposição de quem quiser saber: governos, empresas, professores, gente curiosa como João da Silva Brasileiro...

Pelo que eu entendi, a partir das perguntas e dos estudos que o IBGE faz é que o governo pode saber quem estuda, quem não estuda, onde tem mais lojas, mais fábricas, mais empregos, mais desempregados, quantos negros, quantos brancos, quantos pobres, quantos ricos, quantos quilos de comida são produzidos, quanto custa o que se produz... É coisa que não acaba mais, o tanto que o IBGE pergunta.

Sabendo a quantas anda a sociedade e a economia é que se pode planejar onde falta, onde sobra e como é possível melhorar. É claro que eu tive de fazer umas “quinhentas” perguntas para entender tudo isso, mas pudera, eu ainda estou na 3ª série e ninguém nasce sabendo.

Aprendi também que o IBGE não conta só gente ou o que gente faz. Faz levantamentos de tudo o que possa interessar à sociedade. Por isso, além dos chamados estudos socioeconômicos, estuda também o Território brasileiro em relação aos recursos naturais, ao meio ambiente e aí fica sabendo onde o território começa e acaba, onde tem rios, montanhas, florestas. Se está havendo poluição ou destruição do que é nosso, brasileiro.

Com esses estudos das ciências da terra, o IBGE produz mapas importantíssimos e eu – que não sou bobo e sou pidão – peguei vários para mim, cada um mais bonito que o outro! Vou colocar alguns em molduras nas paredes do meu quarto para tirar informações deles quando eu precisar.

A moça simpática que me atendeu contou que, apesar das dificuldades que o IBGE sofreu no começo, ele evoluiu e agora é essencial para que o Brasil seja cada vez melhor aproveitado por nós brasileiros e, é claro, brasileirinhos

Aqui termina minha aventura na máquina do tempo. Vocês estão pensando que a melhor invenção é a máquina do tempo feita com lençol dos cavaleiros mitológicos? Nada disso. Na minha viagem, descobri que a maior invenção, e o melhor de tudo, é a curiosidade. Se não fosse a vontade de saber sempre mais sobre o que interessa, nem eu nem o IBGE chegaríamos onde chegamos. É a curiosidade, a imaginação e a teimosia da gente que fazem a “máquina” funcionar.

Brasileirinho e o Contador de Povo

Numa viagem em sua máquina do tempo,
Brasileirinho, menino curioso e perguntador,
descobre quem é esse tal de IBGE que
mede, estuda e conta o nosso País.

Sua aventura começa no ano de 1585 e o
Brasil dessa época já sabe quantos índios tem.
Viajando no tempo aprendeu um monte de
coisas: como a estatística é importante para o
desenvolvimento do País, onde o nosso
Território começa e acaba, onde tem rios,
montanhas e florestas.

Ele encontrou o Brasil no IBGE.

Atendimento:
0800-218181

<http://www.ibge.gov.br>
<http://www.ibge.org>

ISBN 85-240-0643-9



978852

06432